
Viva Rio, Viva Brasil – uma perspectiva sul-africana

O referendo sobre armas no Brasil de outubro de 2005

TERRY CRAWFORD BROWNE

“Viva” é uma das aclamações de democracia na África do Sul. Eu vos saúdo: “Viva o povo do Brasil, viva”.

A resposta ao viva na África do Sul é *amandla*, que significa “poder para o povo”.

O mundo celebrou conosco quando superamos o regime do apartheid. Nossa transição foi saudada como um milagre político. Uma ditadura que possuía armas nucleares e todo tipo de parafernália militar não conseguiu resistir às exigências populares de uma sociedade democrática e não-racial. O confronto militar teria sido suicida e ineficaz. A libertação da África do Sul foi essencialmente o resultado de estratégias não-violentas.

O arcebispo Desmond Tutu declarou: “Marchamos pela paz na Cidade do Cabo e o muro de Berlim caiu”. No Brasil, vocês marcharam no Rio e em outras cidades gritando *basta* – chega de violência e armas!

A África do Sul era e continua a ser uma sociedade estruturalmente violenta, graças, em boa parte, a políticas governamentais deliberadas. O governo do apartheid estimulava a propriedade de armas entre os brancos, mas a proibia entre os negros. Quando as proibições

raciais foram suspensas, o lobby das armas espalhou a propaganda de que as armas eram a única proteção eficaz contra o crime.

Nossas taxas de homicídios e estupros estão entre as mais altas do mundo. Nossa taxa de desemprego está acima de 40% e estima-se que seis milhões de sul-africanos (15% da população) morrerá de doenças relacionadas à Aids até o ano 2010. Vocês têm razão de ficar estarecidos com a informação de que 40 mil brasileiros são mortos todos os anos por armas de fogo. Na África do Sul, são 28 mil pessoas, mas temos apenas um quarto da população do Brasil.

Nós competimos com o Brasil pela infeliz distinção de ser a sociedade mais desigual do planeta. O abismo entre ricos e pobres ameaça a democracia da qual sentimos orgulho e pela qual lutamos durante tanto tempo. Os subúrbios ricos da Cidade do Cabo são tão afluentes como os que se encontram em qualquer lugar do mundo. Khayelitsha, a poucos quilômetros de distância, é um testemunho terrível da miséria e da degradação humana.

Os ricos se entrincheiram; os pobres sobrevivem como podem. As prisões estão transbordando muito acima de suas capacidades e se tornaram escolas de criminosos. Os gângsteres controlam as cadeias e nelas, o uso de drogas é disseminado. Drogas e armas compõem uma combinação letal em todas as comunidades, mas especialmente entre os pobres. As crianças são apanhadas no fogo cruzado da guerra entre gangues. Como dizer a uma mãe que a bala que matou seu filho garante o emprego de outra pessoa?

Durante os anos 80, o Brasil vendeu armamentos ao Iraque de Saddam Hussein. O mesmo fez a África do Sul. Dizia-se que a indústria de armamentos era a vanguarda da tecnologia moderna e do desenvolvimento econômico. Em todos os países, a indústria de armas é altamente subsidiada e os governos estão pesadamente envolvidos na proliferação de armas.

A África do Sul ainda exporta armamentos para a Índia e o Paquistão, para a Argélia e para a Colômbia. Ainda exportamos para o Congo, onde quatro milhões de pessoas morreram desde 1998 naquilo que é chamado de “Primeira Guerra Mundial da África”.

Quanto mais suja a guerra, maior a probabilidade de que as armas sul-africanas estejam presentes.

A África do Sul está envolvida na indústria de armas como exportadora e como importadora. Um relatório recente da Anistia Internacional conclui que os países do G8 são responsáveis por 84% do comércio mundial de armas.

Depois de 1994, os políticos europeus acorreram à África do Sul para prestar homenagens à nossa nova democracia com uma das mãos e oferecer armas com a outra. As necessidades dos sul-africanos foram consideradas irrelevantes, assim como o fato de que não há ameaça militar externa concebível ao país.

Alemanha e França compartilhariam contratos de navios de guerra. Inglaterra e Suécia dividiriam os contratos de aviões de guerra. A Itália forneceria helicópteros. Tony Blair, Jacques Chirac e outros exerceram fortes pressões sobre nosso governo para comprar armamentos que eram caros e inadequados às necessidades sul-africanas.

A questão é por que nosso governo, e o presidente Thabo Mbeki em particular, sucumbiu a essa pressão. A “transação das armas” tornou-se o “watergate” da África do Sul, e as tentativas do governo de acobertar foram piores do que o crime original.

Um recente caso judiciário confirmou que a Thomson CSE, uma indústria de armas controlada pelo governo francês, conspirou para subornar o vice-presidente e assim, para subverter nossa democracia. O vice-presidente foi defenestrado e agora enfrenta acusações de corrupção.

Os escândalos de corrupção na Inglaterra e na França confirmam que os partidos políticos europeus são financiados com propinas da indústria bélica. Quando, em 1998 e 1999, pedimos ao governo britânico para investigar alegações de corrupção, ficamos sabendo que, na Inglaterra, não é crime subornar estrangeiros.

No início deste ano, um ministro do governo britânico admitiu finalmente que eram pagas propinas para a exportação de aviões de guerra, mas afirmou que estavam “dentro de limites aceitáveis”.

Acreditamos que os subornos chegaram a cerca de 200 milhões de dólares. Estamos aprendendo também que a corrupção no terceiro mundo se origina com frequência no primeiro mundo, e que, em última análise, os pobres são as vítimas.

Os Estados Unidos gastam anualmente 500 bilhões de dólares em armamentos e com suas forças militares. Trata-se de uma sociedade altamente militarizada e violenta, como mostram as estatísticas prisionais, as piores do mundo. Nos EUA, em cada cem mil pessoas, 715 estão na prisão, em comparação com 402 na África do Sul e “apenas” 169 no Brasil.

O Brasil sofre imensa pressão dos americanos e europeus para comprar novos aviões de guerra e outros armamentos. Tais gastos desviam necessariamente os recursos públicos destinados ao alívio da pobreza. Os governos defendem a necessidade e o direito de usar a violência para proteger a soberania nacional. Essa cultura da violência penetra e se dissemina na sociedade.

Por que, devemos perguntar, os governos podem reivindicar o uso da violência para resolver conflitos e depois negar aos indivíduos direito semelhante? O que dá aos governos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha o direito de usar a violência no Iraque, mas de negar aos indivíduos o direito de retaliar? Não devemos exigir dos governos o mesmo padrão ou um mais alto?

Como disse Mahatma Gandhi: “Olho por olho, e no fim ficamos todos cegos”.

Os Economistas Aliados pela Redução de Armas – África do Sul (ECAAR-SA) lideraram a oposição da sociedade civil à “transação das armas”. A ECAAR é uma ONG internacional criada nos Estados Unidos em 1988 e que agora tem afiliados em catorze países. Há dez ganhadores do prêmio Nobel em seu conselho de curadores. Nosso propósito comum é a análise econômica objetiva e a ação apropriada para que os conflitos possam ser resolvidos sem recurso à guerra.

Isso se aplica a guerras entre países, ou guerras entre gangues. A luta armada, falando apenas do ponto de vista econômico, cons-

titui um mau uso terrível de recursos públicos que deveriam ser usados para a melhoria das condições de vida da população. Na Constituição da África do Sul, a seção que estabelece o princípio governante quanto à segurança nacional declara:

A segurança nacional deve refletir a decisão dos sul-africanos, como indivíduos e como nação, de viver como iguais, de viver em paz e harmonia, de ser livre do medo e da necessidade e de buscar uma vida melhor.

Trata-se de um compromisso constitucional de priorizar a segurança humana antes da segurança militar e do recurso às armas. A segurança humana é um conceito relativamente novo, surgido depois do final da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética. Calcula-se que os EUA despenderam 5,5 trilhões de dólares apenas em armas nucleares que poderiam (e ainda podem) destruir a humanidade. A insensatez do complexo militar-industrial americano esteve durante 45 anos preparada para matar todos os seres humanos da terra para salvar o mundo do comunismo.

Os gastos militares são também dinheiro que poderia ter erradicado a pobreza do planeta. A segurança humana é definida como:

- Liberdade do medo
- Liberdade da necessidade
- Liberdade de agir em defesa própria

É a interação de administração de conflitos, desenvolvimento econômico e direitos humanos. A indústria bélica baseia-se na criação de medo entre países e entre pessoas. O medo é a emoção humana mais irracional. Como declarou o presidente Franklin Roosevelt: “Não temos nada a temer, exceto o próprio temor”. Sem medo, não há motivo para possuir uma arma ou causar medo nos outros. Paradoxalmente, o medo aumenta tremendamente com a posse de uma arma de fogo.

Segurança humana significa que os gastos dos governos com armamentos deveriam ir para educação, saúde, habitação, prevenção do crime e meio ambiente. Em um país como a África do Sul, com 40% de desemprego, a segurança humana se expressa em EMPREGOS, EMPREGOS, EMPREGOS.

Hoje, as pessoas promovem tumultos em toda a África do Sul porque o governo não cumpriu as expectativas de que nossa democracia levaria a uma vida melhor para todos. Infelizmente, os compromissos constitucionais com a melhoria social não foram postos em prática. A distância entre ricos e pobres é ainda maior hoje do que na época do apartheid.

A primeira grande compra do novo governo, assim que assumiu, foi de armamentos da Europa para defender a África do Sul de um inimigo externo inexistente. Até os militares admitem que não há uma ameaça militar externa concebível para justificar esse gasto com armas.

Os interesses adquiridos da indústria bélica internacional são fortíssimos. Seu dinheiro financia partidos políticos. O que foi gasto com três submarinos fornecidos pelos alemães poderia substituir 250 mil barracos da Cidade do Cabo por casas e poderia ter criado cerca de 175 mil empregos na indústria da construção e de seus materiais.

Em vez de construir casas e erradicar a pobreza, a África do Sul está comprando navios e aviões de guerra que até o *establishment* militar disse que eram caros demais e inadequados às necessidades do país. Nosso governo está agora mergulhado numa crise constitucional graças ao negócio das armas. As pessoas estão cobrando responsabilidade do governo.

No século XX, a Europa foi devastada por duas guerras mundiais. As indústrias bélicas venderam armas para Alemanha, França e Inglaterra. O modo de ganhar dinheiro nessa indústria, se dizia, é vender armas para os dois lados e depois criar conflito onde ele não existe.

No século XXI, essa mesma indústria está tentando criar guerras nos países do “terceiro mundo”. Há até uma dimensão racial envolvida nas armas feitas no primeiro mundo para matar gente no

terceiro mundo. Essa indústria bélica está fora de controle, internacional e nacionalmente, bem como no nível individual. É um negócio desprezível, voltado para matar gente por lucro.

É imperativo que os povos do Sul se unam para pôr um fim a esse negócio sujo. O lobby das armas americano nos diz: “Quando as armas forem postas fora da lei, só os fora-da-lei terão armas”. SIM. A indústria americana do tabaco vicia nossos filhos em cigarros, causando câncer do pulmão e outros problemas de saúde. Assim como fumar cigarros não é mais “legal”, também andar armado não é mais “legal”. Carregar uma arma é um sinal de desvio social. Somente bandidos andam armados. Por que alguém que não é bandido precisaria de uma arma?

Fumar não é mais socialmente aceitável. Não se pode fumar num restaurante, no avião, em cinemas ou prédios públicos. As pessoas que fumam cigarros são desviantes sociais. O mesmo vale cada vez mais para as pessoas que andam armadas. Escolas, igrejas e outros lugares trazem placas: “Esta é uma zona livre de armas”. Armas, assim como as pessoas que as carregam, não são bem-vindas.

Quando vamos à igreja e comungamos, temos o direito perante Deus de saber com certeza que a pessoa ao nosso lado não porta uma arma em seu bolso.

Na África do Sul, neste ano, tivemos um período de anistia até 30 de junho para entregar armas. Cerca de cem mil foram entregues. As pessoas que assim fizeram dizem: “que alívio!”. Que alívio, dizem as pessoas, saber que sua arma não vai matar alguém. Ou, que não será roubada e usada para matá-las.

Os gângsteres matam muitos policiais fora de serviço para obter armas. As armas não protegem nem mesmo policiais treinados para usá-las, mas os tornam mais vulneráveis aos ataques. Assim, até a Polícia está agora a favor do controle das armas. Na África do Sul, temos também a história de homens que perdem seus empregos, matam toda a família e depois se suicidam.

A Lei de Controle das Armas de Fogo dificulta a posse delas pelos indivíduos. As lojas de armas estão fechando porque é cada

vez mais difícil obter licença para porte de arma. Na África do Sul, estamos seguindo o exemplo do Brasil. Ainda estamos alguns anos atrás de vocês.

As ditaduras do Brasil e da África do Sul gastaram enormes quantias de dinheiro público nos anos 80 para desenvolver indústrias bélicas. Não se cansam de nos repetir que essas indústrias criam empregos e trazem divisas para o país. Isso é absurdo. A indústria bélica é capital-intensiva, não de mão-de-obra intensiva. Quase qualquer outro investimento criaria mais empregos. A indústria de armas é fortemente subsidiada e esses subsídios significam que há menos dinheiro público disponível para educação, habitação e saúde.

Isso significa que as divisões entre ricos e pobres ficam piores e há cada vez mais medo na sociedade entre os que têm e os que não têm.

A ECAAR-AS liderou a oposição da sociedade civil contra a transação das armas. Uma recente pesquisa de opinião pública concluiu que 85% dos sul-africanos querem uma investigação sobre esse negócio. Quando mais o governo tenta encobrir o escândalo, maior ele fica. O ex-vice-presidente foi agora acusado de corrupção, mas ele está servindo de bode expiatório para desviar a atenção do presidente Mbeki e de seus colegas de gabinete.

Há dez anos, com a igreja anglicana e o arcebispo Tutu, pedimos o fechamento da indústria bélica da África do Sul e sua conversão para fins pacíficos. Trata-se de uma indústria que não faz sentido econômico.

Na Cidade do Cabo estamos também em campanha para fechar uma fábrica de munição, de propriedade do Estado. Essa fábrica faz granadas e gás lacrimogêneo, e 87% de sua produção é exportada. Localiza-se no meio de um milhão de pessoas. Os negros de Khayelitsha estão de um lado. Os mestiços de Mitchell's Plain estão do outro.

Na época do apartheid, ninguém questionava a indústria bélica. A segurança nacional era “top secret”. Constituía traição até fa-

lar sobre ela. Até mesmo a prefeitura de Cidade do Cabo não fazia perguntas. Era como se houvesse um vazio no mapa.

Os trabalhadores e moradores do local agora se perguntam porque estão sempre doentes. Os ex-operários apresentam uma alta e anormal incidência de doenças cardíacas e câncer, mas a indústria ainda se recusa a admitir responsabilidade. Os moradores locais apresentam altas taxas de asma. E os professores acreditam que seus alunos são mentalmente lentos porque ingerem a poluição química da fábrica de armas desde que nasceram.

As leis ambientais da África do Sul são fracas. A indústria bélica está agora à beira da falência, então proporciona uma oportunidade para que a sociedade civil exija responsabilidade, e para insistir que não se gaste mais dinheiro público no apoio a uma indústria cujo objetivo é matar pessoas.

Ainda não sabemos se a contaminação química também atingiu o fornecimento de água, e se está presente nos alimentos que comemos. No momento, fazemos testes com a Faculdade de Saúde da Universidade da Cidade do Cabo, mas a fábrica de armas raramente coopera e mente com frequência. Contratamos advogados. Esperamos que logo obteremos o acordo do governo para fechar a fábrica e depois financiar sua descontaminação.

Se assim for, teremos de cuidar da contaminação dessa fábrica, além de outra do mesmo tipo, que fica a quinze quilômetros de distância. A empresa diz agora que está falida e não pode pagar pela limpeza.

Acreditamos que a segunda fábrica é o lugar onde Israel e a África do Sul do apartheid realizaram, nos anos 70 e 80, pesquisas sobre o uso de urânio exaurido. Esse material é usado para endurecer a munição da artilharia. Foi usado pelos americanos em 1991 e 2003, nas duas guerras contra o Iraque, bem como nos Bálcãs.

Mais de 250 mil soldados americanos reclamam agora dos efeitos da Síndrome da Guerra do Golfo. As autoridades de saúde do Iraque relatam um enorme aumento do número de bebês deformados. Em todos os níveis, a indústria bélica é uma atividade fora de

controle que mata gente por lucro, mas deixa para a sociedade suas conseqüências. Famílias são destruídas. Orçamentos da saúde são desperdiçados pelos enormes custos do tratamento de ferimentos à bala.

Nós, o povo, temos o direito de dizer: basta. Nós, da África do Sul, saudamos o povo do Brasil pelo exemplo que está dando com o referendo de outubro.

Viva Rio, viva Brasil – Amandla